Virgo-Maria

# Cardeal Rampolla: "Um maçom quase se tornou Papa?"

Virgo-Maria

# Cardeal Rampolla

## "Um maçom quase se tornou Papa"

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

# Sumário

História do Cardeal Rampolla.....9
Lúcifer, O “portador da luz” da Franco-maçonaria.....11
O Veto Austríaco.....16
A Ordo Templi Orientis.....18
O Cardeal Rampolla e a OTO.....22

*Novas informações sobre o secretário de Estado F.: M.: de Leão XIII, que, à luz de documentos recentes, hoje se revela ter sido, em 1896, a peça-chave da manipulação do Papa pelos anglicanos R+C britânicos, a fim de obter de Leão XIII o reconhecimento da validade de suas falsas ordenações.*

*Ao tentar em vão reabilitar Rampolla, estaria o Padre Ricossa procurando ocultar o verdadeiro artífice, no mais alto escalão da Igreja, do atentado anglicano-rosa+cruz contra as sagrações e o sacerdócio católicos?*

Depois do VM[1] de setembro de 2010 sobre a O.T.O., apresentamos hoje um novo e notável texto de Craig Heimbichner a respeito do **cardeal Rampolla e de suas filiações maçônicas**[2]. Trata-se de uma história verídica, **um caso exemplar da infiltração dos meios clericais nos mais altos escalões da hierarquia católica já no final do século XIX**.

---

1 http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-28-A-00-OTO-Blood_on_Altar.pdf
**http://www.virgo-maria.org/Documents/BloodOnTheAltar/2005_Craig-Heimbichner_BloodOnTheAltar_ch3.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-24-A-00-Cardinal_Mercier_a_Dom_Beauduin.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.pdf**

2 http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf
**http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf**
http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf
http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf
http://http://catholicapedia.net/Documents/cahier-saint-charlemagne/documents/C287_Rampolla_SLB_8p.pdf

Esta página da história permite compreender melhor como funciona o **infiltração da loja** no seio da Igreja Católica e como **as redes Rosa-Cruz agem para colocar um dos seus no topo da hierarquia católica**.

De modo bastante surpreendente, o Padre Ricossa[3] mobilizou grandes recursos, em meados de 2009, na tentativa de **reabilitar o cardeal Rampolla e inocentá-lo de qualquer acusação de pertencimento à Loja**, em um artigo dedicado a esse fim, publicado no número 62[4] da revista do IMB Sodalitium (maio de 2009).

**Por quê?**

**Isso é ainda mais surpreendente, de fato, porque o Padre Ricossa havia — no passado — assinado alguns artigos pioneiros sobre a infiltração dos inimigos da Santa Igreja em sua hierarquia, como, por exemplo, o notável artigo — *e que é preciso ter lido* — que dedicou ao tema crucial da infiltração dos marranos frankistas na hierarquia clerical da Igreja Católica, publicado sob o título "*Karol, Adam, Jacob*" no nº 48 de *Sodalitium*[5] (abril de 1999). Aliás, *VM* voltará em breve a abordar esse tema crucial.**

*Rampolla: agente da Inglaterra e de seus R+C a serviço da destruição do Sacerdócio católico?*

3 **http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-08-14-A-00-Defense_du_secret_de_La_Salette.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf**
http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-15-B-00-Abbe_Ricossa_rejette_La_Salette%20.pdf
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf**
**http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-11-26-A-00-Abbe_Ricossa_obere_Apocalypse.pd**

4 http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=download_file&ide=138&file=Soda-F62.pdf

5 http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=download_file&ide=33&file=Soda-F48.pdf

Nós já dissemos: o Padre Ricossa **precisava de uma manobra de diversão para "abrir um debate" sobre Rampolla e, assim, fazer esquecer seu silêncio quanto à questão da invalidade INTRÍNSECA** radical *per se* do **novo rito Conciliar de sagração episcopal de 1968, e não de sua invalidade sacramental EXTRÍNSECA**, pelo fato de que **o bispo apóstata Montini-Paulo VI**, por ter sido — segundo o Padre **Ricossa** — apenas "**papa materialmente, e não formalmente**", não tinha o poder de promulgar legítima e validamente esse **novo rito Conciliar de sagração episcopal**.

**É preciso ler** atentamente *as* **duas perguntas[6] apresentadas aqui em nota de rodapé**, **que um fiel lhe fez publicamente sobre esse tema DETERMINANTE por ocasião de sua conferência de 28 de novembro de 2008, em Paris**, **duas perguntas muito precisas** às quais ele não soube ou não quis responder.

Mas, hoje, **agora que descobrimos o envolvimento central do cardeal Rampolla no projeto anglicano de 1896 para obter do Papa o reconhecimento de suas falsas ordens inválidas**, devemos nos fazer novas perguntas a respeito do diretor de Verrua.

*A tentativa de suposta reabilitação do cardeal Rampolla pelo Padre Ricossa teria como objetivo ocultar o principal artífice, no seio da Igreja, do atentado anglicano contra as Sagrações católicas?*

6 http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf

*Estaria o Padre Ricossa tentando tornar incompreensível a conspiração anglicana contra o sacramento da Ordem, confundindo sua origem: o idealizador do método no topo da hierarquia católica?*

Teria ele escolhido Rampolla como um pano vermelho, certo de que provocaria uma reação de protesto capaz de fazer esquecer a questão das sagrações?

**Ou teria escolhido <u>Rampolla justamente por ele estar particularmente ligado, há um século, ao caso das sagrações</u>,** e porque, ao reabilitá-lo, contaminava a fonte e tornava incompreensível a gênese do ataque inimigo contra as sagrações?

Em outras palavras, o caso Rampolla, criado pelo Padre Ricossa em 2009, destinava-se a ocultar sua própria posição sobre as sagrações ou **tinha como objetivo principal encobrir o papel central do cardeal Rampolla nesse atentado inaudito contra o Sacerdócio católico** e na arquitetura desse atentado, no final do século XIX e no início do século XX? Uma questão muito mais importante para a compreensão da subversão contra a Igreja.

E, nesse caso, **a ligação Rampolla-Sagrações seria incômoda porque revelaria o papel de liderança da Inglaterra à frente do ataque contra a Igreja e o Sacerdócio católico.** Ao contaminar a fonte com seu dossiê falacioso, a atuação (teleguiada?) de Ricossa procuraria ocultar essa ligação tão reveladora dos verdadeiros mandantes.

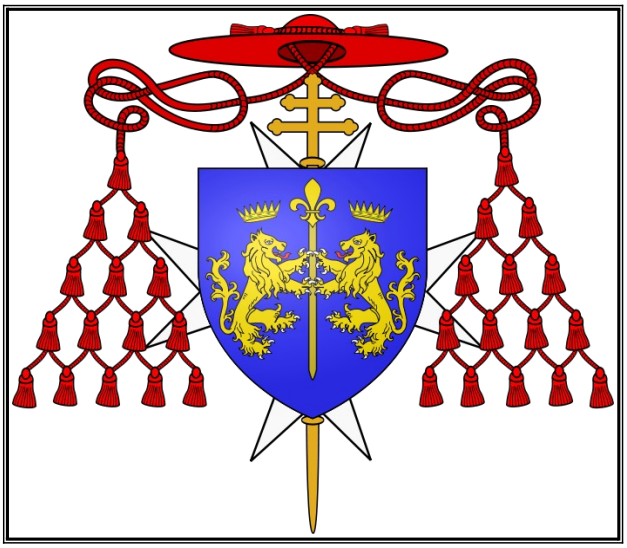
Pois, sendo os anglicanos rosa-cruzes os mandantes dessa operação de supressão do Sacerdócio católico, ninguém poderia tê-los orientado melhor quanto ao método a seguir para alcançar seus objetivos do que aquele mesmo homem que se encontrava diariamente com Leão XIII e que, superado o fracasso da primeira tentativa de 1896, havia estudado suficientemente os ritos orientais — foi secretário dos Assuntos Orientais no Vaticano antes de 1887 — para conceber o desvirtuamento da forma do rito do patriarca maronita e, com isso, estabelecer a base de um novo rito certamente inválido, que seria promovido por meio de uma montagem pseudocientífica em torno da pretensa “Tradição de Hipólito”. As

primeiras manifestações desse lançamento do caso do Patriarca maronita e de Hipólito aparecem nos anos imediatamente posteriores a 1896, quando Rampolla ainda estava vivo.

Quem, melhor do que esse agente Rosa+Cruz à frente da Igreja em Roma, poderia conhecer os circuitos decisórios da Igreja Católica e conceber o caminho pelo qual se poderia instituir uma nova forma de sagração episcopal certamente inválida?

Trata-se de linhas de investigação sobre o papel exato que o cardeal luciferiano Rampolla poderia ter desempenhado na engenharia da continuação do ataque anglicano-R+C após o retumbante fracasso de 1896, mas as questões que se colocam são legítimas e perfeitamente lógicas. A cronologia torna-se muito reveladora.

A partir de agora, a questão do verdadeiro papel do cardeal Rampolla nessa conspiração anglicana se impõe de maneira candente, assim como a de **sua ligação com as redes anglicano-britânicas que, há mais de 150 anos, comandam a destruição da Igreja Católica.**



*Brasão do cardeal Rampolla*

Assim como se coloca a questão do papel muito estranho desempenhado pelo Padre Ricossa — por iniciativa própria ou em obediência a certos círculos — a fim de servir aos interesses anglicanos,

que pretendem aniquilar o Sacerdócio católico sacramentalmente válido, eliminando os meios de sua perpetuação, que são os bispos válidos.

**Em 16 de outubro de 2010, o Padre Ricossa dará uma conferência em Paris** sobre o *Sillon* e Marc Sangnier (tema muito mais crucial do que as sagrações ou Rampolla, não é mesmo?): para tentar fazer esquecer suas manobras, enquanto **o cerco de VM se fecha em torno do caso Rampolla** e do papel suspeito do Padre Ricossa?... o que, em sentido figurado e com uma ponta de humor, representaria uma ida sua a Paris para o Salão do Automóvel…

Prossigamos no bom combate.

A Redação de *Virgo-Maria*

# História do Cardeal Rampolla

Por Craig Heimbichner

No seio da Igreja, ninguém está imune à doença das ideias fixas, sejam elas simples excentricidades ou verdadeiras heresias. Acontece, porém, que algo realmente importante seja ridicularizado como se fosse uma ideia fixa, quando a verdadeira insensatez está justamente em ridicularizá-lo. É esse o caso da atitude atual de certos círculos diante do ressurgimento de antigas acusações relativas às tramas maçônicas no interior da Igreja. O que outrora foi um temor generalizado — a infiltração, nas paróquias e até mesmo no próprio Vaticano, de conspiradores oriundos das lojas — é hoje apresentado como um acesso residual de demência, evocando a época em que charlatães e brincalhões de mau gosto exploravam a pretensa credulidade e a pretensa paranoia do Vaticano[7]. O mesmo se aplica a uma das histórias mais célebres — hoje esquecida — relacionadas à eleição de um sumo pontífice. Quando o papa Leão XIII morreu, diz-se que um maçom esteve muito perto de ser eleito

7 Pensa-se aqui no célebre caso Léo Taxil, durante o qual — no pontificado de Leão XIII — foi conduzida uma repugnante campanha de desinformação destinada a desacreditar os adversários dos maçons, exagerando "revelações" sobre as atividades internas das lojas, campanha que seu próprio autor acabaria depois denunciando como uma farsa. A operação foi extremamente eficaz...

para sucedê-lo. Essa antiga história foi amplamente retomada nas décadas que se seguiram ao Concílio Vaticano II[8], mas, há algum tempo, vem sendo cada vez mais contestada como um falso boato, e certos estudos realizados a seu respeito se caracterizam pelo ceticismo de suas conclusões[9]. No presente artigo, procuraremos determinar se existem ou não provas históricas que permitam afirmar que o cardeal Rampolla, que por pouco não se tornou papa, era realmente maçom. A resposta a essa pergunta talvez surpreenda até os céticos mais obstinados.

Quem era, afinal, esse misterioso cardeal tão bem cotado para ascender ao trono de Pedro? O cardeal Mariano Rampolla del Tindaro (1843-1913) nasceu em 17 de agosto de 1843, em Polizzi, na diocese siciliana de Cefali. Fez seus estudos em Roma, no Colégio Capranica, e, depois de receber as ordens sacras, estudou diplomacia no Colégio dos Nobres Eclesiásticos. Em 1875, o abade Rampolla foi nomeado conselheiro da nunciatura apostólica de Madri. Dois anos mais tarde, foi chamado de volta a Roma e nomeado secretário da Propaganda para os Assuntos Orientais e para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Em 1885, foi sagrado arcebispo titular de Heracleia. Retornou a Madri como núncio apostólico, mas, pouco tempo depois, em 1887, foi criado cardeal. Ao regressar a Roma, tornou-se secretário de Estado do papa Leão XIII, ferrenho adversário da maçonaria. Como secretário de Estado de Leão XIII, o cardeal Rampolla aparecia, aos olhos de muitos, como um homem novo no seio do Sacro Colégio e, por conseguinte, livre de ideias tradicionais e preconcebidas; alguns, portanto, viam nele apenas o homem encarregado de pôr em prática a política pontifícia.

Nesse período tenso e turbulento, enquanto a guerra dilacerava a Europa, o cardeal Rampolla desempenhou, em seu cargo, um papel ativo na política externa de Leão XIII. Deve-se reconhecer o mérito que teve ao restabelecer as relações do papado com a Alemanha. Era uma época de

8 Cf. Malachi Martin, *The Keys of This Blood*, pp. 535-536; Piers Compton, *The Broken Cross: The Hidden Hand in the Vatican*, pp. 21-24; Mary Ball Martínez, *The Undermining of the Catholic Church*, pp. 36-39.

9 Curiosamente, esse ceticismo não se encontra apenas nos meios católicos, pois a própria OTO (ver a nota 21 abaixo) expressou, em um artigo publicado na internet, suas “dúvidas” quanto à filiação do cardeal Rampolla a essa organização maçônica. É bastante interessante que católicos e ocultistas maçons concordem em encarar com ceticismo o mesmo acontecimento, que, no entanto, teve importância crucial na história da época. Estaria um dos dois lados manipulando o outro?

guerra, em que a Europa sabia estar sentada sobre um barril de pólvora. Entre 1878 e 1882, Bismarck havia organizado uma tríplice aliança defensiva entre a Alemanha, a Áustria e a Itália, para o caso de a França tomar a iniciativa de uma guerra de revanche destinada a recuperar a Alsácia-Lorena. Em 1880, contudo, a França assegurou para si a aliança da Rússia. Com ou sem razão, o cardeal Rampolla foi considerado responsável pela aproximação entre esses dois Estados, despertando assim a desconfiança da Áustria, onde se julgava que ele nutria demasiada simpatia pelos eslavos católicos da Croácia, da Carníola[10], da Boêmia e de outras partes do Império. Esse ressentimento difuso pesaria sobre ele até o conclave que se seguiria, e mesmo depois.

Mas outras sombras também acompanhavam o cardeal Rampolla, entre elas a espantosa acusação de ser maçom. Para examinar a origem dessa história quase inacreditável, passemos em revista alguns dos fatos reconhecidos a respeito da maçonaria no tempo de Leão XIII e desse cardeal que viria a adquirir certa notoriedade.

## Lúcifer, O “portador da luz” da Franco-maçonaria

A franco-maçonaria data oficialmente de 1717, ano em que as lojas se fundiram na taverna londrina “da Árvore do Diabo” (*Devil’s Tree Tavern*) para formar a primeira Grande Loja. Amplamente vista como uma instituição fraterna e beneficente, a franco-maçonaria (ou maçonaria) descreve a si mesma como um sistema de moralidade velado por símbolos, cujos adeptos estão em busca da “luz”. Mas isso não passa de uma fachada, assim como, aliás, toda a história oficial da franco-maçonaria. E essa fachada enganou gerações de maçons, que aderiram inocentemente à instituição e contribuíram, desse modo, para sua boa reputação, ocultando ao mesmo tempo — por sua própria ignorância — a verdadeira natureza da Loja, conhecida por seus autênticos dirigentes.

10 N. do T.: De 1849 a 1918, o ducado da Carníola foi uma região administrativa do Reino dos Habsburgos. Sua capital era Liubliana, e seu território abrangia diferentes partes do que hoje é a Eslovênia.

Um desses dirigentes foi o Grande Comendador Albert Pike (1859-1891), cuja estátua se encontra em Washington, D.C., o que constitui um eloquente testemunho de sua influência. Albert Pike dirigia o ramo politicamente mais influente da alta maçonaria (que confere, a título de "comentário", os graus superiores aos membros da Grande Loja). Como Grande Comendador do Rito Escocês, Pike escreveu, em 1871 (pouco antes do pontificado de Leão XIII), sobre a verdadeira natureza da "luz" buscada pelos maçons. Em sua volumosa obra *Morals and Dogma*, que jamais foi divulgada senão aos maçons de grau elevado, Pike escreve: "LÚCIFER, o portador da luz! Estranho e misterioso nome para dar ao Espírito das Trevas! Lúcifer, o Filho da Manhã! É ele quem traz a Luz?... Não duvidem!"[11]

Nesse manual de alto nível, Pike também revela, com toda a franqueza, que o segredo diabólico e blasfemo exposto acima é ocultado dos maçons dos graus inferiores. Quanto aos graus azuis (os da Loja Azul comum), o Grande Comendador faz esta confissão franca: "Os graus azuis são apenas o pátio exterior ou o pórtico do Templo. Alguns símbolos são mostrados ao iniciado, mas ele é deliberadamente desencaminhado por falsas interpretações. O que se pretende não é que ele os compreenda, mas que acredite compreendê-los. Sua verdadeira explicação é reservada aos adeptos, aos príncipes da maçonaria […] Basta à massa daqueles que são chamados maçons imaginar que tudo está contido nos graus azuis; e quem quer que tente desfazer esse engano se esforçará em vão..."[12]

Pike expõe cruamente a conspiração dos verdadeiros dirigentes da franco-maçonaria: "... o mundo em breve virá até nós para que lhe estabeleçamos seus Soberanos e Pontífices. Realizaremos o equilíbrio do universo e reinaremos sobre os senhores do mundo..."[13] Esse ataque contra a Igreja e o Estado é simbolizado no rito de elevação ao 30º grau, o de Cavaleiro Kadosh (palavra hebraica que significa "consagrado"), durante o qual o candidato deve apunhalar ritualmente — ao grito de "Abaixo a

11 Albert Pike, *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Rite of Freemasonry* (*Morales et dogmes du Rite écossais ancien et accepté*), p. 321.
12 Ibid. p. 819.
13 Ibid. p. 817.

impostura!” — uma falsa tiara papal e uma falsa coroa, cada uma delas cingindo um crânio humano[14].

O sistema protecionista e de favorecimento da franco-maçonaria, baseado no engano e na subversão e que se espalhou como um câncer por toda a Europa e pelos Estados Unidos, revela-se já nos graus inferiores, nos quais o candidato presta sobre a Bíblia sinistros juramentos de morte — o que, por si só, constitui um sacrilégio —, comprometendo-se a acobertar seus irmãos maçons e a dar-lhes preferência no âmbito profissional[15]. O ritual de elevação ao terceiro grau prevê uma exceção ao dever de ocultação em casos de assassinato e traição, enquanto o ritual do sétimo grau, o do Arco Real — pressupondo-se que o terceiro grau já tenha sido alcançado —, introduz no juramento uma alteração substancial, ao acrescentar-lhe a fórmula “sem exceção”[16]. Essa alteração dá a entender que, em caso de necessidade, a ocultação dos “segredos” dos irmãos maçons deve estender-se ao assassinato e até mesmo à traição. Esse sistema, que funciona como um sindicato do crime, domina a vida política e judiciária na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nos fatos relatados acima, o leitor atento poderá encontrar certas “luzes” sobre numerosos acontecimentos políticos recentes.

Os senhores supremos da franco-maçonaria acabam por se revelar no simbolismo transparente do terceiro grau, durante o qual o candidato é conduzido ritualmente por uma encenação em que se compromete a reconstruir o Templo de Salomão; pois essa seria precisamente a aspiração do judaísmo desde a destruição desse Templo, profetizada por Nosso Senhor[17] e consumada no ano 70 de nossa era. Caso ainda restasse alguma dúvida quanto aos verdadeiros dirigentes e objetivos da franco-maçonaria, ela necessariamente se dissipa com o ritual do grau do Arco Real — o da “exaltação” do candidato —, durante o qual se recita a seguinte fórmula, que não deixa margem a ambiguidades: “Para o bem da Maçonaria em geral, mas também da nação judaica em particular”[18]. A submissão da

14 Uma ilustração desse ritual aterrador pode ser encontrada no manual maçônico *Secret Societies Illustrated*, p. 123.
15 Ver a obra de Duncan intitulada *Masonic Ritual and Monitor*, pp. 95-96 e 229-230.
16 Ibid., p. 230.
17 Mateus XXIV, 1-2.
18 Duncan, *Masonic Ritual and Monitor*, p. 249.

maçonaria à "nação judaica em particular" — ou, poder-se-ia dizer, àqueles que hoje se reivindicam como adeptos do judaísmo[19] — também aparece claramente no símbolo do esquadro e do compasso presente em cada loja. De fato, esse símbolo evoca, embora de maneira incompleta, o hexagrama ocultista da Cabala judaica. Por sua vez, o hexagrama[20] é erroneamente chamado de Estrela de Davi, embora não tenha absolutamente nada a ver com o rei Davi ou com o Antigo Testamento[21]. Adotado pelo Segundo Congresso Sionista, realizado na Suíça em 1898, o hexagrama tornou-se posteriormente célebre como emblema do Estado de Israel. Essa ligação significativa entre o símbolo mais fundamental da Loja e o emblema judaico mais facilmente reconhecível leva a pensar que a verdadeira história da franco-maçonaria é muito mais complexa do que os maçons querem dar a entender e que, na realidade, ela se cruza com a história do judaísmo. Aliás, essa questão é complexa demais para ser tratada no âmbito do presente artigo.

Todos os fatos essenciais relatados acima eram bem conhecidos pelo papado, que começou, com Clemente XII, a condenar a franco-maçonaria em 1738, pouco depois de sua criação. Essa condenação, posteriormente reforçada por vários pontífices, alcançou sua expressão mais notável com a encíclica *Humanum Genus*, publicada por Leão XIII em 20 de abril de 1884.

---

19 A grande confusão que reina em matéria de terminologia provocou graves imprecisões na compreensão da história, permitindo que a propaganda moldasse o debate atual sobre o Oriente Próximo. Assim, a palavra "semita" designa tanto os judeus quanto os árabes; isso não impede, por exemplo, que os árabes palestinos que se recusam a ver seus filhos mortos pelo exército israelense sejam qualificados de "antissemitas". Ora, essa denominação é, ao mesmo tempo, absurda e escandalosamente provocadora. Da mesma forma, o termo "judeano" foi pouco a pouco substituído pelo termo "judeu", embora, a rigor, um judeu descenda unicamente da tribo de Judá. Por fim, é possível sustentar que muitos judeus atuais não têm qualquer vínculo com nenhuma das Doze Tribos de Israel, pois descendem dos cazares da Europa Central convertidos ao judaísmo. (Ver Arthur Koestler, *La Treizième Tribu*, coleção "Texto", Éditions Tallandier, 2008.)

20 Os "rituais maior e menor do Hexagrama" continuam sendo uma prática habitual das lojas ocultistas da Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*) — cujo próprio nome remete a Lúcifer, o "portador da luz" que traz a "aurora" —, bem como da ordem mágica *Argenteum Astrum*, ligada às lojas da OTO. Ver abaixo.

21 Gershom Scholem (1897-1982), antigo professor de mística judaica na Universidade Hebraica de Jerusalém, escreve em *Kabbalah* (pp. 362-366): "O *magen David* [escudo de Davi] […] é um hexagrama, isto é, uma estrela de seis pontas formada por dois triângulos equiláteros com o mesmo centro, um apontando para cima e o outro para baixo […] Os textos mais antigos que mencionam um escudo de Davi encontram-se na explicação de um 'alfabeto [mágico] do anjo Melatron', datado do período gaônico e utilizado entre os asquenazes hassídicos do século XII […] O texto mais antigo conhecido em que se emprega a expressão [*magen David*] é o *Sefer ha-Gevul* cabalístico, escrito por um neto de Nahmânides no início do século XIV. Nele, o hexagrama aparece duas vezes; em ambos os casos, é chamado de '*magen David*' e contém o mesmo nome mágico presente no amuleto mencionado acima, o que comprova sua ligação direta com a tradição mágica."

Como os papas chegaram a conhecer a verdadeira natureza da franco-maçonaria? Entre as muitas respostas possíveis para essa pergunta, há uma que merece atenção. Documentos e correspondências da loja maçônica denominada Alta Venda (*Alta Vendita*) caíram nas mãos do governo pontifício do papa Gregório XVI. Mais tarde, o papa Pio IX autorizou o jornalista e historiador Jacques Crétineau-Joly (1803-1875) a publicar, em seu livro *L'Église Romaine en face de la Révolution*, o conteúdo dos documentos em questão. Por fim, em 1884, cerca de seis meses após a publicação de *Humanum Genus*, o conteúdo desses mesmos documentos voltou a ser divulgado, acompanhado de comentários históricos exaustivos, em uma série de conferências proferidas em Edimburgo, na Escócia, por monsenhor George F. Dillon. Essas conferências causaram tamanha impressão em Leão XIII que ele mandou publicar e divulgar o texto às suas próprias custas.

Os documentos da Alta Venda têm de notável o fato de exporem um plano de infiltração e destruição da Igreja Católica cuja execução — como se afirmava expressamente — poderia levar até um século. Eis alguns trechos característicos: "nosso objetivo final é o mesmo de Voltaire e da Revolução Francesa: o aniquilamento definitivo do Catolicismo e até mesmo da ideia cristã. […] O papa, seja ele quem for, jamais virá às sociedades secretas: cabe às sociedades secretas dar o primeiro passo em direção à Igreja, com o objetivo de vencê-los a ambos. O trabalho que vamos empreender não é obra de um dia, de um mês nem de um ano; poderá durar vários anos, talvez um século; mas, em nossas fileiras, o soldado morre e o combate continua. […] O que devemos pedir, o que devemos buscar e esperar, assim como os judeus esperam o Messias, é um papa segundo as nossas necessidades […] vocês conseguirão, com pouco esforço, a reputação de bons católicos e patriotas irrepreensíveis. Essa reputação dará acesso às nossas doutrinas no seio do jovem clero e até no interior dos conventos. Dentro de alguns anos, esse jovem clero terá, pela força das circunstâncias, ocupado todas as funções; governará,

administrará, julgará, formará o conselho do soberano e será chamado a escolher o Pontífice que deverá reinar...”[22]

Foi nesse contexto de revolução e guerra espiritual provocadas pelas lojas maçônicas — denunciadas pelo papa Pio IX como a “Sinagoga de Satanás” — que Leão XIII publicaria sua fulminante encíclica contra a franco-maçonaria. E, no entanto, seu secretário de Estado, tão próximo dele, viria mais tarde a ser acusado de pertencer a uma das seitas mais diabólicas dessa infernal rede de subversão.

Curiosamente, os aspectos mais sombrios da franco-maçonaria sequer são ensinados no ritual de elevação — embora muito elaborado — ao grau mais elevado do Rito Escocês. Albert Pike escreve que “A Ciência oculta dos antigos magos […] está envolta em enigmas que parecem impenetráveis nos rituais da maçonaria superior”[23]. É fato, porém, que nem mesmo o 33º grau dá acesso a estudos ocultistas[24].

É inevitável, portanto, perguntar onde exatamente é praticada a “maçonaria superior” a que Pike se refere.

A resposta — pouco conhecida — a essa pergunta é que a maçonaria superior se encontra nas lojas ocultistas, das quais as duas principais eram — e ainda são — a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*), fundada por maçons na Inglaterra em 1888, e a *Argenteum Astrum* (estrela de prata), ligada à academia maçônica conhecida pelo nome de *Ordo Templi Orientis* (Ordem dos Templários Orientais), ou, em suma, a OTO. Esta última loja nasceu das atividades iniciáticas conduzidas pelo maçom Karl Kellner no século XIX, e foi o maçom Theodor Reuss quem lhe deu sua forma definitiva no início do século XX. Seu membro mais notório, fundador da *Argenteum Astrum*, foi a “Grande Besta” Aleister Crowley, espião britânico e avô do satanismo moderno. Atualmente, a OTO está presente em cerca de quarenta países e

22 Ver John Vennari, *The Permanent Instruction of the Alta Vendita: A Masonic Blueprint for the Subversion of the Catholic Church*, onde se encontra o resumo mais conciso dessas passagens e de outras, acompanhado de um brilhante comentário histórico.

23 Albert Pike, ibid., p. 839.

24 Ver *Secret Ritual of the Thirty-third and Last Degree, Sovereign Grand Inspector General of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, Kessinger Publishing Company.

fundiu-se com a Igreja Gnóstica Católica francesa[25], cujos ofícios celebra no mundo inteiro, todos os domingos, “ao cair da noite”. A missa gnóstica, escrita por ninguém menos que o próprio Aleister Crowley, foi institucionalizada por Theodor Reuss para uso de todos os membros da OTO.

## O Veto Austríaco

Enquanto fervilhava esse sombrio pântano de intrigas satânicas e de anticristianismo maçônico-cabalístico, Leão XIII morreu em 20 de julho de 1903. Enquanto afluíam as homenagens ao pontífice falecido, entre elas as do rei Eduardo e do Kaiser Guilherme, o conclave iniciou os preparativos para a eleição solene de um sucessor ao trono de Pedro. O cardeal Rampolla liderava o escrutínio com ampla vantagem quando, de repente, o conclave foi interrompido por um verdadeiro raio em céu claro: o cardeal Jan Puzyna, bispo de Cracóvia — que então fazia parte do Império Austríaco —, levantou-se e fez uma declaração que deixou a assembleia atônita. Disse em latim: “... oficialmente, bem como em nome e por autoridade de Francisco José, imperador da Áustria e rei da Hungria, que Sua Majestade, em virtude de um antigo direito e privilégio, pronuncia o veto de exclusão contra Sua Eminência, o cardeal Mariano Rampolla del Tindaro.”[26]

O direito de exclusão ou de veto — ou *Jus Exclusivae* —, instituição quase esquecida, talvez fosse um resquício do século XVI. Sabe-se que ele foi debatido em meados do século seguinte, quando começaram a surgir tratados que mencionavam o *Jus Exclusivae*, e foi invocado em várias ocasiões durante conclaves, entre 1721 e 1903, tanto pelos imperadores da

25 A história da Igreja Católica Gnóstica ultrapassa o âmbito do presente artigo; contudo, o leitor deve compreender claramente que a essência da heresia gnóstica é o pecado de Lúcifer, o sonho orgulhoso da deificação, a tentação de ser “como Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gênesis 3, 5). O adjetivo “gnóstico” deriva do substantivo grego *gnosis*, que significa conhecimento. O “G” que figura no centro do símbolo maçônico formado pelo esquadro e pelo compasso significa Gnose. (Ver Albert Pike, *Liturgy of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry for the Southern Jurisdiction of the United States*, p. 104: “Maçonaria em Gnose...”!

26 Yves Chiron, *Saint Pie X : réformateur de l’Église*, pp. 268-269 da tradução inglesa (*Saint Pius X: Restorer of the Church*).

Alemanha e da Áustria quanto pelos reis da Espanha, sendo que o último exercício desse direito resultou na exclusão do cardeal Rampolla.

Para explicar a instituição do *Jus Exclusivae*, foram apresentadas várias razões, que vão da política pura à clarividência católica e à proteção do papado. Em certo sentido, o antigo Sacro Império Romano — em seu apogeu — considerava-se obrigado a exercer esse papel de protetor. É possível que um imperador ou rei piedoso, de posse de informações cruciais, tenha exercido esse direito com integridade para afastar da Sé de Pedro um candidato corrupto.

No caso do cardeal Rampolla, os motivos do veto continuam, ainda hoje, sendo objeto de controvérsia. O que não se discute é o resultado: o cardeal levantou-se para protestar, realizou-se uma nova rodada de votação, e o candidato que ocupava o segundo lugar tornou-se papa. Esse candidato — o cardeal Giuseppe Melchiore Sarto, patriarca de Veneza — ascendeu ao trono de Pedro aos sessenta e oito anos e adotou o nome de Pio X. Como quis a Providência, apesar do humilde protesto do cardeal Sarto contra sua eleição, o conclave escolheu o homem certo. Mais tarde, o papa Pio X viria a ser o último sumo pontífice a governar a Igreja com a prudência de um santo canonizado.

Mas, deixando de lado a Providência, quais foram os motivos humanos para a exclusão do cardeal Rampolla? Deve-se ver nisso um jogo de poder astuto e cínico por parte da Áustria, ou entender que um imperador vigilante salvou Roma de uma tentativa de usurpação maçônica?

É sempre possível invocar razões políticas e, de modo geral, as causas ordinárias de acontecimentos tão importantes pertencem, de fato, ao campo da política. Os defensores de uma análise puramente política do acontecimento em questão apresentam várias considerações em apoio à sua tese: primeiro, se o papa Pio X soubesse que o cardeal Rampolla era maçom, não o teria mantido em cargo algum; depois, somente em 1929, ou seja, após o pontificado de Pio X, teriam começado a circular rumores sobre a suposta filiação maçônica do cardeal Rampolla[27]; por fim, ele teria

27 Yves Chiron, ibid., p. 123.

contrariado os interesses da Hungria, sobretudo no que diz respeito às nomeações episcopais[28], o que teria despertado em Franz Josef um desejo de vingança.

Tal análise seria convincente na ausência de provas diretas em contrário. No entanto, existem provas diretas de que o cardeal Rampolla não apenas era maçom, mas também membro de uma academia maçônica diabólica que não era outra senão a OTO. Além disso, essa análise ignora a intervenção de monsenhor Jouin. Comecemos por examiná-la.

Monsenhor Ernest Jouin (1844-1932), inimigo implacável da franco-maçonaria, era protonotário apostólico e pároco da paróquia de Saint-Augustin, em Paris. Em 1913, fundou a Liga Franco-Católica, dedicada à defesa da pátria e da sociedade. Em 23 de março de 1918, com a aprovação da Santa Sé, fundou a Revue Internationale des Sociétés Secrètes (RISS). Monsenhor Jouin ganhou fama como uma espécie de Sherlock Holmes, capaz de desmascarar a intriga talmúdica e maçônica. É a ele, aliás, que se deve o pertinente adjetivo "judaico-maçônico". Durante uma audiência privada, o papa Pio XI pediu a monsenhor Jouin que prosseguisse em seu combate contra a franco-maçonaria. Em 1918, o papa Bento XV elogiou monsenhor Jouin por ter arriscado a vida nessa luta contra as seitas maçônicas. Um ano depois, em 20 de junho de 1919, o Vaticano lhe enviou felicitações oficiais em uma carta assinada pelo cardeal Gasparri, secretário de Estado, que terminava com estas palavras: "Sua Santidade, portanto, tem a satisfação de felicitá-lo e encorajá-lo em sua missão, que tanto contribui para alertar os fiéis e ajudá-los a lutar eficazmente contra as forças cujo objetivo é destruir não apenas a religião, mas também toda a ordem social."[29]

Monsenhor Jouin teria intercedido pessoalmente junto ao imperador Franz Josef para pedir-lhe que fizesse uso de seu *Jus Exclusivae*, diante de certas provas de que existiam, no mínimo, estreitas afinidades entre o cardeal Rampolla e os maçons[30]. A própria OTO, no boletim de 1999 da

28 Ibid., pp. 122-123.
29 David Kertzer, *The Popes Against the Jews*, pp. 268-269.
30 Ver "Pope Saint Pius X", em From the Housetops (nº 13, outono de 1976), St. Benedict Center, Richmond, New Hampshire.

loja Thelema, de Berkeley, Califórnia, reconhece que monsenhor Jouin acusou o cardeal Rampolla de pertencer às fileiras dessa organização[31].

## A *Ordo Templi Orientis*

Há provas de que monsenhor Jouin tinha razão a respeito do cardeal Rampolla? Sim, como demonstra o próprio *Manifesto* (manifesto) da OTO, que proclamava a existência dessa organização perante o mundo maçônico.

A data desse manifesto gerou controvérsia entre as atuais ramificações da OTO: a mais antiga seria 1912[32], e as mais recentes, 1917[33] e 1919. As pesquisas mais recentes — e bastante exaustivas — realizadas sobre o assunto no âmbito da OTO fazem parte de um projeto em andamento de Peter Koenig, da Suíça. Koenig menciona um primeiro manifesto, publicado em 1912, e um segundo, datado de 1919[34]. É este último documento — *Liber LII* — que contém o nome do cardeal Rampolla✠, muito antes da data inicial apontada por autores católicos mal informados que procuram desacreditar a ligação entre Rampolla e a OTO.

O manifesto da OTO foi publicado no periódico maçônico de Reuss, *The Oriflamme*, que não tinha um público muito amplo — algo, aliás, típico dos periódicos da OTO —, pois continha informações de caráter relativamente interno, destinadas aos próprios maçons. O manifesto tinha por objetivo estabelecer a supremacia da OTO como *Academia Masonica* — ou "academia maçônica" —, uma espécie de "escola de estudos avançados" para maçons. Todas as edições completas da "*Blue Equinox*",

---

31 Para mais informações, ver http://www.billheidrick.com/tlc1999/tlc1199.htm. Bill Heidrick, membro da OTO, procura ali proteger sua organização da acusação formulada por mons. Jouin, mas é contradito nesse ponto por Peter Koenig, antigo arquivista da OTO. Ver abaixo.

32 Ver a brochura da O.T.O. intitulada *An Historical and Modern Perspective*, Ordo Templi Orientis, Nova York, 1995.

33 Francis King, *The Secret Rituals of the O.T.O.*, p. 9.

34 *Theodor Reuss and Aleister Crowley*, editado por Peter Koenig: *O.T.O. Rituals and Sex Magick*, pp. 79-107.

✠ **Nota da Libro & Moschetto**: Mencionaremos alguns nomes grandes que aparecem na lista: Goethe, Friedrich Nietzsche, Sir Richard Payne Knight, Hargrave Jennings, Éliphas Levi, o Rei Louis da Baviera, Franz Hartmann, Richard Wagner e Cardeal Rampolla.

importante coleção posterior de documentos oficiais da OTO, contêm o manifesto e mencionam o nome do cardeal Rampolla.

Segundo o manifesto, a OTO é um "corpo de iniciados em cujas mãos se concentram a sabedoria e os conhecimentos das seguintes organizações:

"1. a Igreja Católica Gnóstica (*Gnostic Catholic Church*);

2. a Ordem dos Cavaleiros do Espírito Santo (*Order of the Knights of the Holy Ghost*);

3. a Ordem dos *Illuminati* (*Order of the Illuminati*);

4. a Ordem do Templo (Cavaleiros Templários) (*Order of the Temple (Knights Templars)*);

5. a Ordem dos Cavaleiros de São João (*Order of the Knights of St. John*);

6. a Ordem dos Cavaleiros de Malta (*Order of the Knights of Malta*);

7. a Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro (*Order of the Knights of the Holy Sepulchre*);

8. a Igreja Oculta do Santo Graal (*Hidden Church of the Holy Graal*);

9. a Fraternidade Hermética da Luz (*Hermetic Brotherhood of Light*);

10. a Santa Ordem da Rosa-Cruz de Heredom (*Holy Order of Rose Croix of Heredom*);

11. a Ordem do Santo Arco Real de Enoque (*Order of the Holy Royal Arch of Enoch*);

12. o Rito Antigo e Primitivo da Maçonaria (33 graus) (*Ancient and Primitive Rite of Masonry*);

13. o Rito de Mênfis (97 graus) (*Rite of Memphis*);

14. o Rito de Misraim (90 graus) (*Rite of Mizraim*);

15. o Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria (33 graus) (*The Ancient and Accepted Scottish Rite of Masonry*);

16. o Rito Maçônico de Swedenborg (*Swedenborgian Rite of Masonry*);

17. a Ordem dos Martinistas (*Order of the Martinists*);

18. a Ordem do Sat Bhai (*Order of the Sat Bhai*), além de muitas outras ordens de igual mérito, embora menos conhecidas.

"Não compreende, contudo, a A.A.[35], com cujo augusto corpo mantém, não obstante, uma estreita aliança.

"Não interfere de modo algum nas legítimas prerrogativas dos órgãos maçônicos autorizados."[36]

Eis aí pretensões grandiosas. Theodor Reuss de fato conquistou certa posição — sobretudo por intermédio do maçom inglês John Yarker — em várias organizações maçônicas, que procurou reunir no seio da OTO. Além disso, trabalhou intensamente pelo ressurgimento da célebre ordem bávara dos *Illuminati* de Adam Weishaupt. Seria demasiado longo examinar a legitimidade de cada uma das pretensões acima; basta dizer que os principais elementos da iniciação maçônica foram engenhosamente condensados nos seis primeiros graus da OTO, a partir dos 33 graus habituais — ou dos 97 e 90 graus, respectivamente, dos ritos de Mênfis e Misraim. Os três primeiros graus seguiam, em grande medida, os da Loja Azul tradicional; o quarto grau transmitia o segredo do Arco Real chamado "nome de Deus", uma combinação blasfema de Yahweh, Baal e Osíris — "Jah-Bul-On"; o quinto consistia na iniciação Rosa-Cruz, que ridiculariza a Missa, inclusive pelo pisoteamento de um crucifixo[37]; por fim, o sexto conferia o grau de Kadosh dos Cavaleiros do Templo, cujo rito consistia em apunhalar simbolicamente uma tiara e uma coroa, cada uma delas cingindo um crânio humano. Com esses seis graus, a OTO fazia o aspirante maçom percorrer o essencial da iniciação até a penúltima "luz" acessível nas lojas superiores comuns.

A OTO, contudo, oferecia algo mais em seus graus superiores. No sétimo grau, ensinava-se a teoria; já no oitavo e no nono, o candidato era iniciado em um dos segredos mais zelosamente guardados da depravação

35 *Argenteum Astrum*, ou estrela de prata, importante depositária dos rituais ocultistas da franco-maçonaria e da Cabala.

36 Aleister Crowley, *The Equinox*, vol. III, nº 1, 1919, pp. 197-198.

37 Francis King, ibid., p. 142.

cabalística, conhecido como “sex magick” (magia sexual)[38]. Pesquisas recentes sobre as origens da OTO indicam que essa tradição provavelmente foi perpetuada, por meio da Fraternidade Hermética da Luz — mencionada no manifesto —, por Louis-Maximilien Bimstein, filho do rabino Judes Lion Bimstein, conhecido como “Max Theon” (“Deus supremo”) e que havia recebido a iniciação hassídica na Polônia[39]. O décimo grau conferia a direção maçônica oculta das lojas da OTO situadas em determinado país ou grupo de países — assim, Aleister Crowley era o “Supremo e Santo Rei da Irlanda, de Iona[40] e de todas as Bretanhas que se encontram no Santuário da Gnose”. No décimo primeiro grau, havia sodomia, e o dirigente mundial da OTO era chamado OHO (*Outer Head of the Order*, isto é, chefe exterior da ordem). Theodor Reuss foi OHO e, mais tarde, Crowley reivindicaria esse título.

## O Cardeal Rampolla e a OTO

A OTO enumera muitos nomes em seu manifesto com o único propósito de estabelecer sua supremacia oculta e a autenticidade de sua “linhagem”. Em uma prática típica dos círculos maçônicos e ocultistas, invoca numerosos nomes antigos para sugerir uma afinidade simbólica e extrair deles certa dignidade. Quando menciona nomes como *Simon Magus* [Simão, o Mago] e *Apollonius Tyanaeus*[41], não é porque os homens em questão tenham pertencido às suas fileiras, mas porque eram intimamente associados ao gnosticismo, ao misticismo pagão, ao esoterismo, à heresia ou a certos movimentos que pretendiam substituir o

38 O significado último do “G” que figura no centro do símbolo maçônico é “geração”, isto é, união sexual. Ver Pike, *Morals and Dogma*, pp. 632, 771 e 772.
N. do T. (Wikipédia): O termo Magick designa um sistema de magia utilizado por Aleister Crowley. Em seu sentido mais amplo, pode referir-se a qualquer ato realizado intencionalmente para produzir uma mudança. O acréscimo do “k” ao final da palavra foi popularizado durante a primeira metade do século XX por Crowley, que fez dele a peça central de seu sistema místico, denominado Thelema (Thélème).

39 Ver T. Allen Greenfield, *The Story of the Hermetic Brotherhood of Light*, pp. 6-10; Joscely Gocwin, Christian Channel e John P. Deveney, *The Hermetic Brotherhood of Light: Initiatic and Historical Documents of an Order of Practical Occultism*, p. 11.

40 N. do T. (Wikipédia): Iona é uma pequena ilha situada no noroeste da Escócia, nas Hébridas Interiores, separada da ilha de Mull pelo estreito de Iona.

41 N. do T. (Wikipédia): filósofo pitagórico nascido em Tiana, na Capadócia, cerca de quatro anos antes da era cristã. Grande parte de sua reputação deve-se à crença em seus poderes mágicos ou sobrenaturais. É um dos “santos” da “Igreja Católica Gnóstica”.

cristianismo. Por isso, o manifesto da OTO introduz essa lista de nomes ressaltando que “em tempos mais remotos, as primeiras assembleias constituintes da OTO incluíam homens como…”

Em seguida, o manifesto prende a atenção do leitor ao interromper a lista com as palavras “E, mais recentemente...”. Os nomes que vêm depois são exatamente quatorze, e entre eles figura o do cardeal Rampolla.

É verdade que a presença de um nome nessa lista não indica necessariamente que seu titular pertencesse à OTO e, em alguns casos, isso seria até impossível por simples razões cronológicas. O manifesto não afirma que as pessoas assim enumeradas estivessem entre os membros da OTO, mas apenas que “as primeiras assembleias constituintes da OTO incluíam homens como [eles]”. A presença de um nome como o de Wolfgang von Goethe pouco surpreende em uma lista desse tipo, pois se sabe que Goethe foi maçom — embora mais tarde tenha repudiado a maçonaria. As celebrações da Noite de Walpurgis, em seu *Faust*, demonstram que, ao menos na literatura, ele expressava o mesmo tipo de ideias das quais a OTO viria um dia a se tornar porta-voz. Do mesmo modo, não causa grande surpresa ver o nome de Friedrich Nietzsche mencionado no manifesto, pois o espírito de seu livro *L’Antéchrist* combina bastante com o pisoteamento de crucifixos praticado no âmbito da Academia maçônica. Eliphas Lévi, por sua vez, foi um importante mago maçônico. Em suma, nenhum dos nomes presentes no manifesto é completamente desprovido de alguma ligação perceptível com as ideias ou a essência da OTO, embora outros personagens mencionados não sejam conhecidos por terem efetivamente pertencido a ela, como Franz Hartmann e “Papus”, pseudônimo do doutor Gérard Encausse.

Se a inclusão do nome do cardeal Rampolla na lista tivesse sido fruto de uma simples “brincadeira”, como afirmou Bill Heidrick, dirigente da OTO, em seu recente boletim[42], essa anomalia constituiria uma estranha exceção. Além disso, teria comprometido a seriedade de um manifesto destinado a estabelecer uma relação autorizada com outros ritos da alta maçonaria. Por fim, Heidrick não apresenta absolutamente nenhuma prova

42 Ver acima a nota de rodapé 22.

que sustente sua afirmação. E o nome de Rampolla de fato aparece na lista do manifesto da OTO tal como foi publicada em um periódico maçônico. Os fatos são incontestáveis, e ainda precisam ser refutados de maneira plausível. A presença do nome de Rampolla na lista dificilmente serviria para desacreditar esse prelado, pois o periódico maçônico em questão tinha uma circulação muito restrita; além disso, o cardeal já havia falecido quando seu nome apareceu — ele não constava da edição de 1912, pois ainda estava vivo naquela data, e um escândalo poderia ter sido possível. Nessas condições, que interesse haveria em publicar seu nome?

Peter Koenig observa também que, segundo certas informações, o cardeal Rampolla teria sido membro da ramificação espanhola da OTO[43]. Nessas condições, dirão os céticos, como explicar que o papa Pio X não tenha simplesmente expulsado o cardeal e que, ao contrário, tenha abolido o *Jus Exclusiva*? Mas essa objeção está longe de ser conclusiva. Em primeiro lugar, não há nenhuma certeza quanto ao que o papa Pio X sabia exatamente, ou mesmo quanto ao que apenas acreditava, a respeito do cardeal Rampolla enquanto este ainda vivia. É provável que o sumo pontífice tivesse conhecimento de certas suspeitas, mas também é muito possível que não estivesse disposto a lhes dar crédito. De fato, o cardeal Rampolla causava excelente impressão naqueles que o conheciam[44]. Em seguida, o cardeal renunciou imediatamente ao cargo de secretário de Estado e foi substituído pelo cardeal Merry del Val. Embora conservasse algumas funções, retirou-se voluntariamente, em parte, da vida pública[45]. Talvez se tratasse de um acordo entre ele e o papa, destinado a evitar o escândalo e, ao mesmo tempo, privá-lo de seus importantes meios de causar eventuais danos; isso também pode ter se devido à prudência e à caridade do papa, que, dessa forma, deu consequência a informações alarmantes, mas quis poupar o cardeal de sanções mais severas na ausência de uma prova absolutamente irrefutável. Essa prova ainda levaria alguns anos para vir à tona, e o fez sob a forma do manifesto da OTO.

---

43 Ver http://homepage.sunrise.ch/homeage/prkoenig/mm1.htm para mais informações sobre os diferentes ritos e lojas, bem como sobre as alegações relativas à filiação do cardeal Rampolla.

44 Ver, por exemplo, as memórias de Francis Augustus MacNutt intituladas *A Papal Chamberlain: The Personnal Chronicle of Francis Augustus MacNutt*, 1937.

45 Yves Chiron, ibid., p. 123.

Do mesmo modo, o papa Pio X tinha excelentes razões para abolir o *Jus Exclusivae*, pois, como relata seu camareiro: “Pio X costumava dar a conhecer suas decisões por meio de um *motu proprio*, e um de seus primeiros atos oficiais foi abolir o privilégio de veto, concedido em épocas muito distintas aos imperadores, bem como aos reis da Espanha e da França. O mundo cristão no qual esse direito havia sido tolerado já não existia e, caso o último abuso desse direito pelo imperador tivesse ficado sem repreensão, não seria inconcebível que o presidente maçônico da França reivindicasse o mesmo direito, alegando que a República havia sucedido à monarquia dos Bourbons.”[46]

As encíclicas de Pio X demonstram que ele estava plenamente ciente da presença de infiltrados na Igreja e de outros perigos igualmente preocupantes. Em *Pascendi Gregis*, “sobre os erros do modernismo”, escreveu em 1907: “O que exige, sobretudo, que falemos sem demora é que os artífices do erro já não devem ser procurados hoje entre os inimigos declarados. Eles se ocultam — e isso é motivo de profunda apreensão e angústia — no próprio seio e no coração da Igreja […] Falamos, Veneráveis Irmãos, de um grande número de católicos leigos e, o que é ainda mais deplorável, de sacerdotes...” O papa admite, portanto, com franqueza, que o preocupava profundamente o fato de os artífices do erro se ocultarem entre os próprios sacerdotes. Esse alerta refletiria as apreensões decorrentes do caso Rampolla? Isso certamente parece possível, ou até provável.

Ainda mais importante a esse respeito é a primeira encíclica apostólica do papa São Pio X, *E Supremi Apostolatus*, “sobre a restauração de todas as coisas em Cristo”, publicada em 4 de outubro de 1903. Nessa encíclica, lê-se, com efeito, a seguinte declaração surpreendente: “Quem pondera essas coisas tem razão para temer que tamanha perversão dos espíritos seja o princípio dos males anunciados para o fim dos tempos, como que seu primeiro contato com a terra, e que verdadeiramente o filho da perdição de quem fala o Apóstolo[47] já tenha surgido entre nós.” O papa teme, portanto, manifestamente, que o Anticristo já esteja presente entre os homens, e

46 Francis Augustus MacNutt, ibid., p. 311.
47 II Tessalonicenses 2, 3.

alguma coisa necessariamente aconteceu para abalá-lo a tal ponto logo no início de seu pontificado.

O próprio papa fornece um indício das causas de sua inquietação quando, na mesma encíclica, prossegue nestes termos: “Por outro lado, e este é, segundo o mesmo Apóstolo, o caráter próprio do Anticristo, o homem, com uma temeridade indescritível, usurpou o lugar do Criador...”

A divisa oficial da OTO era — e continua sendo até hoje — *Deus est Homo*, “Deus é o homem”. Se o cardeal Rampolla era filiado ou estreitamente ligado à OTO ou a alguma de suas lojas emergentes, então é verdade que um agente do sombrio culto maçônico ao homem, encarnando o espírito orgulhoso do Anticristo, esteve muito perto de ascender ao Trono de Pedro em 1903. O caso Rampolla oferece, assim, uma explicação perturbadora para a primeira encíclica de São Pio X.

Sem dúvida, nunca é agradável acusar um cardeal de se envolver em intrigas diabólicas, mas tudo leva a crer que monsenhor Jouin tinha razão e que, por isso, merece a gratidão póstuma da Igreja, pois existem provas que sustentam a alegação de que um maçom, o cardeal Rampolla, esteve de fato muito perto de se tornar papa há um século. Algumas questões, porém, permanecem e exigem reflexão: se as lojas quase venceram o Vaticano há tanto tempo, teriam se resignado a essa derrota por tão pouco? Por que se resignariam? Ao contrário, não teriam encontrado nisso um incentivo para prosseguir em sua ação? E quais poderiam ter sido suas novas tentativas? Parece-me que uma resposta ponderada a essas perguntas lançaria uma luz bem-vinda sobre a história das numerosas mudanças que afetaram a vida da Igreja nas últimas décadas, durante as quais se assistiu à ascensão do Culto do Homem, bem como ao avanço de uma estarrecedora depravação sexual de caráter cabalístico entre os próprios clérigos, algo que — por uma estranha “coincidência” — lembra fortemente a “iniciação” à sodomia praticada no décimo primeiro grau da OTO[48]. São Pio X nos advertiu sobre o perigo de que artífices do erro se infiltrassem até mesmo no clero. Seria blasfemo responsabilizar o Espírito Santo pela maioria das mudanças que infligiram ao Corpo Místico de Cristo essas e

48 Em seu comentário sobre o *Livre de la Loi*, Crowley autoriza a pederastia, isto é, a violência sexual contra crianças. Ver Aleister Crowley, *The Law is for All: The Authorized Popular Commentary to The Book of the Law*, p. 55.

outras feridas. Não, devemos atribuí-las ao demônio, cujos agentes oriundos das lojas continuarão a infectar a Igreja enquanto não forem desmascarados. Mais uma vez, precisamos levar a sério a obra de monsenhor Jouin — assim como a de São Pio X — e prosseguir em nosso trabalho de investigação, a fim de expulsar os demolidores infiltrados no clero, qualquer que seja sua posição. Caso não recuperemos essa vigilância indispensável, veremos a Igreja Católica Romana conformar-se cada vez mais aos desejos dos gnósticos, que não deixarão de celebrar o Culto do Homem com uma temeridade crescente até o dia em que a Mão de Deus intervier.